

## AVESSE DE UTOPIAS: OS BRUZUNDANGAS E AVENTURAS DO DOUTOR BOGÓLOFF\*

Elizabeth Gonzaga de LIMA

**RESUMO** *O propósito desta dissertação é analisar a sátira nas obras, Os bruzundangas e Aventuras do doutor Bogóloff, de Afonso Henriques de Lima Barreto. Busco compreender, ao longo da análise, a presença dessa estética de contestação sociopolítica como representação no plano formal e estilístico do caos brasileiro na virada do século. Além disso, procuro mostrar de que maneira o autor se valeu do gênero satírico como estratégia de contra-utopia para desmascarar o modelo de civilização e cultura adotado pela Primeira República Brasileira.*

**RÉSUMÉ** *Le but de cette dissertation c'est celui d'analyser la satire dans le oeuvres, Os bruzundangas et Aventuras do doutor Bogóloff, de Afonso Henriques de Lima Barreto. Je cherche à comprendre tout au long de cette analyse la présence de cette esthétique de contestacion sóciopolitique en tant que representation sur le plan formel et stylistique du cahos brésilien de la fin du siècle. En outre, je tache de deceler comment l'auteur en question s'est servi du genre satirique comme stratégie de contre-utopie pour demolir le modèle de civilisation et de culture adopté lors de la Première Republique brésilienne.*

### 1. LIMA BARRETO: A LITERATURA, O SUBÚRBIO E A RUA DO OUVIDOR

A escrita de Lima Barreto, sem dúvida, expressa os impasses sociais de seu momento histórico. Depois de um breve período de grandes projetos, sonhos e esperanças, conforme registrou em seu *Diário Íntimo*, o romancista se deu conta do panorama de instabilidade social, opressão política e utopias desfeitas de sua época. Esta atmosfera sufocante atravessa seu espírito e conseqüentemente reponta em sua

---

\* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 02 de fevereiro de 2001, sob a orientação da Profª Drª Vilma Sant'Anna Arêas.

produção. As imagens flagradas pela escritura ganham contornos instáveis, marcantes, que caminham para uma espécie de deformação. Daí configurar-se um ambiente apropriado para fazer emergir a figura do satirista, especialmente porque a matéria-prima básica do gênero satírico é o contraste, a dissonância. E com a violência de um moralista, ele desmontou, denunciou, acusou. Como cronista de seu tempo, desmascarou a ignorância das classes governantes e privilegiadas, a corrupção do poder e da justiça, a exploração do povo, os vícios e especialmente a vaidade e a obsessão pelas falsas aparências.

As mazelas e ambigüidades do primeiro momento republicano ganharam traços díspares na literatura do período, desde um Afrânio Peixoto com seu projeto de “sorriso da sociedade”, passando pelo decadentismo de *fin-de-siècle* de um João do Rio, aos projetos de civilismo de Olavo Bilac, até propriamente às miudezas impuras do subúrbio de Lima Barreto. E é justamente essa literatura que vem na contramão do discurso estético vigente, em especial por estar povoada de tipos e lugares estranhos aos ideais de “civilização” do período. Habitada por uma espécie de galeria dos deserdados, vemos desfilar mulatos violeiros, capangas eleitorais, poetas suburbanos fracassados, militares sem patente e sem batalha. Não é mais Botafogo e os grandes casarões burgueses que representarão metonimicamente o país, mas Inhaúma, São Cristóvão, com suas casas suburbanas e suas ruas esburacadas. Na busca da expressão de seu tempo, ele cria mundos paralelos e metafóricos – Bruzundanga, Reino do Jambon, Al Patak, Estado dos Carapicus. O bizarro irrompe com força na presença de Felixmino Ben Karpatoso, Idle Bhras, Bogóloff, Xandu, Sofonias... Lugares e personagens marcantes na produção satírica de Lima Barreto. Mas qual interesse tais obras poderiam despertar hoje, visto que a sátira remonta às circunstâncias tão marcadas historicamente e por isso tão propensa ao envelhecimento precoce?

Penso que um dos grandes interesses em torno dessas obras diz respeito à crítica sóciopolítica que, sem dúvida, chega tranquilamente aos nossos dias, e à forma como ele busca uma solução estética aos impasses de seu tempo. A lente satírica de Lima Barreto que aumenta o descompasso da sociedade brasileira da Primeira República, revela-se ironicamente atual, pois o insólito e o ridículo continuam ainda na ordem do dia.

## 2. REPÚBLICAS DO NONSENSE

Tanto a concepção de *Os bruzundangas* quanto das *Aventuras* foram circunstanciais no sentido de serem concebidas para o jornal. A primeira obra constituiu-se de crônicas que começaram a circular a partir de 1911, na *Gazeta da Tarde*, como “contos exóticos” sobre o Império das Bruzundangas. Já em 1917, no semanário político *ABC*, o cronista Lima Barreto relata uma viagem à República dos Estados Unidos da Bruzundanga. Nesse mesmo ano, ele entrega ao editor Jacyntho

Ribeiro as crônicas sobre a Bruzundanga, escritas ao longo de 1911-1917. Em 1921, em carta ao amigo Almáquio Cirne, o escritor reclama da demora na publicação. Com a morte de Lima Barreto em novembro de 1922, o editor publica no mês seguinte as crônicas sob o título *Bruzundangas*. Houve vários protestos diante de tal procedimento, especialmente, pela obra não ter sido revisada pelo autor. É provável que esses fatos explicam parte de uma certa resistência da crítica a essa obra.

Já *Aventuras do doutor Bogóloff* de 1912, segundo Francisco de Assis Barbosa, é fruto do interesse do autor em incursionar pela literatura folhetinesca. O biógrafo questionou se nessa escolha não estaria o desejo de lucro do escritor, em função do comentário de Lima Barreto em carta ao amigo Antônio Noronha Santos: “Espero que lerás com prazer o Bogóloff e perdoarás não ser ele perfeitamente o *Nick Carter*, que deu, em dois anos, cem contos ao Pranzini!”<sup>1</sup>.

Concebidas em folhetim e consideradas como aventuras humorísticas, as narrativas não alcançaram o sucesso esperado junto aos leitores da época. No entanto, o interesse de Lima Barreto por essas aventuras pode ser comprovado no romance *Numa e a Ninfa* de 1915, ao inserir mais outras duas aventuras inéditas do russo espertalhão.

As duas sátiras, *Os bruzundangas* e *Aventuras do doutor Bogóloff*, escritas na primeira pessoa, narram as experiências de dois estrangeiros em terra estranha. Lima Barreto, na Bruzundanga, é o narrador-repórter que conta num estilo eclético, mesclando crônica, conto, relato de viagem e sátira, as suas andanças por uma República bizarra, mas, ao mesmo tempo, familiar. A obra estrutura-se em forma de crônicas-quadro, nas quais o repórter devassa a vida desse país imaginário e seus habitantes, especialmente os mais ilustres. Um dos alvos preferidos do viajante é a Academia Bruzundanguense de Letras, que baseava sua poética na herança de um certo bardo, Tuque-Tuque Fit-Fit. O narrador satírico, ao desferir suas farpas sarcásticas à harmonia imitativa dos poetas principais da escola samoieda, Kotelniji, Wolpuk e Worspikt, atinge, na verdade, o trio parnasiano brasileiro, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira e Vicente de Carvalho. Nos inspirados versos de Worspikt: “há luna loura linda leve, luna bela!”<sup>2</sup>, a escola simbolista de *luares, de neves e de neblinas* torna-se o alvo da zombaria do cronista brasileiro. Nessa terra tropical de poetas famosos, mas sem obras escritas, eles sempre cumpriam o ritual de reunirem-se para discutir literatura vestidos à caráter, em peles de renas, comprovando assim a ironia do satirista ao comportamento obsessivo com aparência da elite bruzundanga. O figurão das finanças, Felixhmino Ben Karpatoso, considerado o mago financeiro da Bruzundanga, tinha extrema preocupação com a aparência, tanto assim que sua proposta de aumento de impostos contemplava os gêneros de primeira necessidade, mas isentava a seda, o veludo e o *champagne*.

<sup>1</sup> BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.88-89.

<sup>2</sup> BARRETO, Lima. *Os bruzundangas*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.43.

### 3. NARRADORES IRÔNICOS EM TERRAS ESTRANHAS

Enquanto o repórter-viajante na Bruzundanga observa à distância, de maneira irônica os costumes bizarros da nação, o viajante russo, Bogóloff, desfaz a crença na utopia do Eldorado brasileiro ao descobrir que a melhor maneira de sobreviver no país seria basear suas ações na trapaça. Com o apoio do capanga eleitoral, Lucrecio Barba-de-Bode, ele abandona seus dias de doença e miséria ao tornar-se Diretor da Pecuária Nacional, devido às credenciais de estrangeiro, louro e doutor em línguas orientais. Manejando uma retórica tecida pela mentira, ele convence senadores e ministros a apoiar seus projetos mirabolantes, como criar peixes no seco, desenvolver uma ração especial que transforma porcos em bois e bois em elefantes. Suas peripécias para sobreviver no Brasil da Primeira República começam num alto cargo administrativo, passando por vendedor ambulante, crítico de arte, pintor de vanguarda e investigador à Sherlock Holmes.

Essas duas sátiras nos mostram dois peregrinos em terra estranha. Dois olhares perplexos e irônicos. Duas realidades fantásticas e absurdas, mas, ao mesmo tempo, familiares. A ironia prevalece sobre o deslumbramento, o exótico perde a força de fantasia e ganha contornos deformados.

A curiosidade sardônica move o relato dos narradores. O cronista-repórter, na Bruzundanga, examina os costumes daquela nação procurando ressaltar seus ridículos; o imigrante russo mergulha na utopia do Eldorado brasileiro e se depara com a farsa. Enquanto o viajante Lima Barreto utiliza a observação como recurso básico, demolindo, no plano do discurso, a estupidez da política na Bruzundanga, para assim “ensinar” o Brasil, Bogóloff expõe o ridículo brasileiro unindo ação e relato.

Qual seria a pretensão de Lima Barreto ao constituir esses dois narradores estrangeiros nesses relatos satíricos? Quais métodos utilizados? Arrisco a hipótese de que ele acaba se aproveitando da idéia de utopia, signo do país desde seu “achamento”, porém utilizando o seu avesso. A idéia de um Brasil paradisíaco, que atravessou os séculos e chegou até aos dias do romancista, é visto pela chave da contra-utopia, e para isso, a escolha necessariamente recai sobre uma forma camaleônica e fluida como a sátira, mas com intenso poder de contestação. A utilização da narrativa em primeira pessoa dá o tom da intimidade, quase de conversa, o que por sua vez favorece ao narrador persuadir o interlocutor dos disparates apresentados, que servem como matéria básica para as reflexões sobre o descompasso da Bruzundanga e do Brasil de Bogóloff.

O que na verdade a crítica vê como exagero, grotesco e bizarro, nesses textos, constitui justamente a forma de um mundo que de repente se torna estranho. O sentido de exuberância e deslumbramento que o exótico ganhou aqui nos trópicos, nosso autor transfigura num universo dissonante.

O desejo de representar um momento deste país tão confuso e eclético abria a possibilidade para experimentar novas maneiras de comunicar uma literatura que se

fizesse clara aos leitores da época, daí recorrer à mistura de gêneros. Os impasses sóciopolíticos geravam ora a alienação que levou alguns escritores a escorregar para o dilantatismo estéril, ora o combate, que na pena de Lima Barreto recebe o tratamento da distorção, no sentido de que a realidade tinha se tornado tão brutal e bizarra que escapava aos pressupostos e ao ideário da literatura do período.

O autor de *Numa e a Ninfa*, diante disso, opta por lançar mão do traço forte e caricatural, do movimento intenso, de um tom que oscila do baixo ao elevado e de uma linguagem descolada do purismo. As escolhas para a representação do Brasil, como um grande mosaico desordenado, recaem sobre narradores que adotam diversas figurações, que é na verdade um recurso natural do satirista – a mudança de espírito e de atitude com o propósito de cada momento.

François Hartog assinala que “a narrativa de viagem traduz o outro”<sup>3</sup>. Esse traduzir o outro implica, nesses relatos em questão, uma atitude camaleônica como artifício para conquistar a confiança daquele que ouve o narrado. Mas como fazer para que o discurso seja passível de se acreditar? Os narradores em *Os bruzundangas e Aventuras do doutor Bogóloff*, ao relatarem suas experiências na primeira pessoa, de saída apresentam-se como testemunhas de algo que viram, fornecendo assim credibilidade à narração. Porém, como acreditar numa viagem a um país que não se encontra no mapa? Como dar crédito às peripécias de um russo num estado brasileiro denominado Carapicus?

A sedução por narrativas de viagem, verdadeiras ou não, remonta a tempos antigos. Ao leitor ou ouvinte dessas experiências é a quem cabe o deleite de viajar e conhecer novos lugares sem se deslocarem, participando ainda da fantasia do outro. Na verdade, os objetivos dos narradores é que diferem. No caso dessas narrativas satíricas, a palavra-chave é *aprendizagem*, além do autor ironizar a inclinação do espírito cosmopolita da viagem como ideal de status e ilustração.

#### 4. A APRENDIZAGEM PELO RIDÍCULO

O cronista Lima Barreto na *Bruzundanga*, conta que as notas de sua viagem por essa República, tiveram como motivo dar exemplo ao Brasil de males muito maiores do que os realmente existentes, para que assim o país aprendesse com o anti-exemplo. O charlatão russo, por sua vez, conta suas aventuras em tom de confissão, para explicar as razões pelas quais abandonou uma vida de trabalho honesto e mergulhou num outra vida de golpes, ao graduar-se no cinismo reinante nas classes dirigentes do Brasil. Assim, os narradores à medida que contam suas experiências, exercem o espírito combativo: ilusões ou encantamentos não os seduzem, e essa intenção crítica é que determina o sarcasmo predominante nos relatos.

---

<sup>3</sup> HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999, p.273.

O narrador de *Os bruzundangas* não oculta seu propósito moralista de apontar os erros da nação Bruzundanga, para que o Brasil seja beneficiado com esse sentimento e assim haja reforma na conduta: “A Bruzundanga fornece matéria de sobra para livrar-nos, a nós do Brasil, de piores males, pois possui maiores e mais completos. Sua missão é, portanto, como a dos ‘maiores’ da *Arte*, livrar-nos dos outros, naturalmente menores”<sup>4</sup>. Com isso, ele demonstra ocupar uma posição superior, ou seja, ao se mostrar habilitado para discernir os vícios, assume a figuração de censor e mestre. Na tentativa de se resguardar da descrença em relação a sua narrativa, ele apóia o discurso nos fatos observados durante a sua viagem pelo exótico país.

Bogóloff, narrador das *Aventuras*, ao justificar a escrita de suas peripécias, justifica-se a si mesmo, ou melhor, busca persuadir seu leitor de que suas ações golpistas contra a sociedade brasileira alimentaram-se desse mesmo sistema corrompido e corruptor. Dessa maneira, o interlocutor não está diante apenas da confissão de um malandro, mas antes de uma vítima – estabelecendo, com isso, a fusão de vozes, um recurso comum na sátira.

Um dos procedimentos ou artifícios dos narradores nessas terras é o mergulho no cotidiano dos países. Atacar, criticar não convence tão facilmente. É necessário demonstrar conhecimento sobre o objeto de escárnio. Lima Barreto cria para sua persona de viajante na Bruzundanga uma estrutura de crônicas-relâmpago, em que flagra os aspectos os mais diversos da vida daquela nação. Assim temos um olhar em deslocamento o tempo todo. As pinceladas são rápidas e carregadas: a academia dos samoiedas, o ensino, a administração, a cultura, o sistema eleitoral, as riquezas, os políticos.... Ao contar os descaminhos dessa sociedade e escolher montar um painel de aspecto desordenado e grotesco, ele acaba mimetizando na forma seu objetivo crítico, ao mesmo tempo em que destrói o símbolo da recorrente utopia do país estrangeiro idealizado nos relatos de viajantes. Já na persona do imigrante russo, nosso autor consegue o teor da experiência propriamente dita, que permitirá uma mobilidade dentro do sistema sóciopolítico, não apenas como observador, mas também participante efetivo dos acontecimentos. O relato estruturado em narrativas descontínuas acaba construindo igualmente, como na Bruzundanga, um painel insólito, em particular, ao misturar dados reais com a fantasia mais absurda. Nas *Aventuras do doutor Bogóloff* a destruição do símbolo se faz presente na figura do protagonista estrangeiro, que não corresponde a nenhuma das expectativas que envolviam a chegada dos europeus no Brasil: o ideal de civilização, a importação de mão-de-obra, o branqueamento da raça brasileira; ao contrário, o russo acaba se valendo dessa pretensa ilustração européia para ascender na sociedade brasileira utilizando como artifício básico o cinismo.

O repórter na Bruzundanga, ao declarar que o relato de sua viagem são *despretensiosas ‘notas’* assume uma simplicidade em seu estilo que na verdade não

---

<sup>4</sup> BARRETO, Lima. *Os bruzundangas*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 27.

passa de um golpe astuto para convencer da veracidade do narrado, já que não se trata de uma narrativa rebuscada, falseada pela retórica. No entanto, essa suposta simplicidade que se confunde com verdade, é o oposto daquilo que condena, pois um dos objetivos do satirista é a persuasão, e certamente a retórica é sua arma.

Na persona de Bogóloff, Lima Barreto lança mão do mesmo truque de estilo tão comum na sátira, a simplicidade despojada. Isto porque o protagonista conta sua experiência pendular de sucessos e insucessos. Não resta dúvida estamos diante de uma confissão, na qual emoções as mais diversas permeiam o relato. Daí o rebuscamento não fazer sentido, o que possibilita conquistar o leitor mais facilmente e obviamente persuadi-lo.

À medida que o olhar desses narradores se desloca nessas terras, construindo suas histórias, eles também se metamorfoseiam em função daquilo que desejam relatar. A cada cena observada, a cada situação, a criatividade aflora. Assim, na Bruzundanga, o estrangeiro chega como viajante, torna-se testemunha ocular, repórter, cronista, mestre, censor, mas tudo isso movido pelo objetivo moralista, pois deseja contribuir para mudanças sociais em sua terra natal – o Brasil – mediante um anti-exemplo, dessa maneira vence a aprendizagem pelo ridículo, pela lente do olhar zombeteiro.

O doutor russo passa todas as aventuras tentando convencer o leitor de sua inocência, e até certo ponto, ingenuidade. Os acasos da existência conspiravam contra ele, vítima da polícia russa, do engano que foi a utopia brasileira e seus desdobramentos. Assim os rastros de suas figurações vão sendo apagados no transcorrer de suas peripécias: pseudo-revolucionário, desempregado, viajante, imigrante, lavrador, Diretor da Pecuária Nacional, charlatão, pintor de vanguarda, Sherlock Holmes... É inegável que ele é vítima de sua própria contradição humana, pois, ao mesmo tempo em que pretende moralizar os leitores com suas experiências, não resiste em apoderar-se dos pecados alheios, tanto para vencê-los socialmente quanto para arrastá-los ao ridículo.

Os traços deformados, as prováveis impurezas, deixadas pela sátira nesses textos acabam tendo uma eficácia estética, em especial pelo fato de transpor ficcionalmente a caricatural República, provocando assim uma *catarse social*. A estupidez dos burocratas, o ridículo da política é desmascarado pelo riso. Contudo, o mais irônico é a atualidade da crítica de Lima Barreto, demonstrando que ainda hoje habitamos na metafórica Bruzundanga.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARÊAS, Vilma Sant'Anna. (1987). *Na tapera de Santa Cruz: uma leitura de Martins Pena*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1990). *Iniciação à comédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- BARBOSA, Francisco de Assis. (1988). *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- BARRETO, Lima. (1956). *Obra completa*. 17 v. São Paulo: Brasiliense.
- BOSI, Alfredo. (1987). *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix.
- BROCA, Brito. (1956). *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: MEC.
- CATZ, Rebecca. (1978). *A sátira social em Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Prelo.
- CELSO, Afonso. (1900). *Porque me ufano de meu País*. Rio de Janeiro: Garnier.
- HARTOG, François. (1999). *O espelho de Heródoto*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- HODGARTH, Matthew. (1969). *La sátira*. Madrid: Guadarrama.
- MEYER, Marlyse. (1996). *Folhetim – uma história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NEEDEL, Jeffrey. (1993). *Belle époque tropical*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras.
- PRADO, Antonio Amoni. (1989). *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes.
- SZACKI, Jerzi. (1972). *As utopias ou a felicidade imaginada*. Trad. Rubem César Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra.